

Cegos e Coxos: Uma Exegese Comparativa de 2 Samuel 5 e Lucas 14

Milton Luiz Torres

Doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP) e Pós-doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1158-4876>

E-mail: miltntorres@gmail.com

RESUMO

Este artigo examina a aparente tensão entre 2 Samuel 5:4–9a e Lucas 14:13–14 a respeito do destino dos “cegos e coxos”. Em 2 Samuel, os jebuseus invocam os “cegos e coxos” como uma metáfora depreciativa da incapacidade de Davi de capturar Jerusalém. Em Lucas, Jesus ordena a inclusão dos cegos, aleijados e coxos em banquetes como um sinal de reversão escatológica. Em vez de considerar essas passagens contraditórias, este artigo argumenta que elas operam em campos semânticos distintos: 2 Samuel reflete uma proibição militar enraizada no simbolismo protetor do Antigo Oriente Próximo (análogo a imagens divinas como o Paládio Troiano), enquanto Lucas articula uma ética radical de hospitalidade fundamentada na teologia da ressurreição. O artigo se baseia nos antigos paralelos culturais, evidência iconográfica e conexão intertextual com o Salmo 115 para demonstrar que os “cegos e coxos” em 2 Samuel simbolizam ídolos impotentes, enquanto em Lucas representam os marginalizados que recebem a recompensa divina.

Palavras-chave: Teologia bíblica. Intertextualidade. Exegese.

ABSTRACT

This article examines the apparent tension between 2 Samuel 5:4–9a and Luke 14:13–14 regarding the fate of the “blind and lame.” In 2 Samuel, the Jebusites invoke the “blind and lame” as a derogatory metaphor for David’s incapacity to capture Jerusalem. In Luke, Jesus commands the inclusion of the blind, crippled, and lame in 餐banquets as a sign of eschatological reversal. Rather than viewing these passages as contradictory, this essay argues that they operate in distinct semantic fields: 2 Samuel reflects a military prohibition rooted in ancient Near Eastern protective symbolism (analogous to divine images such as the Trojan Palladium), whereas Luke articulates a radical ethic of hospitality grounded in resurrection theology. The article draws on ancient cultural parallels, iconographic evidence, and intertextual connection to Psalms 115 to demonstrate that the “blind and lame” in 2 Samuel symbolize impotent idols, while in Luke they represent the marginalized who receive divine reward.

Keywords: Biblical theology. Intertextuality. Exegesis.

Introdução

Há dois textos na Bíblia que parecem apresentar uma nítida contradição:

Davi tinha trinta anos quando começou a reinar e reinou quarenta anos. Em Hebrom reinou sobre Judá sete anos e seis meses, e em Jerusalém reinou trinta e três anos sobre todo o Israel e Judá. O rei e seus homens marcharam para Jerusalém para atacar os jebuseus que ali viviam. Os jebuseus disseram a Davi: “Você não entrará aqui; até os cegos e coxos podem afastá-lo”. Eles pensavam: “Davi não conseguirá entrar aqui”. Todavia, Davi conquistou a fortaleza de Sião, que é a Cidade de Davi. Naquele dia, Davi disse: “Quem quiser conquistar os jebuseus terá de usar o canal de água para alcançar aqueles ‘coxos e cegos’ que são inimigos de Davi”. É por isso que dizem: “Os cegos e coxos não entrarão no palácio”. Davi passou a morar na fortaleza e chamou-lhe Cidade de Davi. (2 Samuel 5:4–9a, NVI)

Mas, quando você der um banquete, convide os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos. Então você será abençoado, pois eles não têm como retribuir, e a sua recompensa virá na ressurreição dos justos. (Lucas 14:13–14, NVI)

Em 2 Samuel, os “cegos e coxos” são excluídos do palácio de Davi; em Lucas, Jesus ordena sua inclusão à mesa do banquete. Este artigo propõe que a contradição é apenas aparente. A chave está em compreender: a função da expressão “cegos e coxos” em cada texto; o contexto do Antigo Oriente Próximo e do Mediterrâneo acerca das divindades protetoras (tipificadas pelo Paládio Troiano); e a ressonância intertextual com o Salmo 115, que critica os ídolos impotentes.

2. O Escárnio dos Jebuseus e o Simbolismo dos Cegos e Coxos

A declaração dos jebuseus — “até os cegos e coxos podem afastá-lo” — funciona como um escárnio desafiador. Ao afirmarem que apenas pessoas com alguma deficiência seriam suficientes para defender Jerusalém, eles proclamam a invencibilidade da fortaleza. A hipérbole transmite confiança: “Seu exército é tão fraco que até mesmo defensores aleijados poderiam repelir vocês”.

No entanto, a frase carrega um significado simbólico mais profundo. Na ideologia militar antiga, acreditava-se que imagens divinas garantiam a proteção de uma cidade enquanto permanecessem dentro de seus muros. O exemplo mais famoso no mundo greco-romano é o Paládio Troiano, uma estátua divina de Atenas.

O Paládio era uma estátua de culto de madeira de Atenas que, segundo se dizia, caiu do céu durante o reinado de Ilo, fundador de Troia. Acreditava-se que Troia não poderia cair enquanto o Paládio permanecesse dentro de seus muros (Apolodoro, *Biblioteca* 3.12.3).

Em 47–46 a.C., Júlio César cunhou um denário que mostra: Vênus, suposta ancestral de César (anverso); Eneias, que carrega o pai Anquises no ombro e segura o Paládio na mão direita (reverso). Um afresco em Pompeia também mostra Cassandra agarrada ao Paládio no templo de Troia durante a queda da cidade. De fato, o Paládio aparece, na iconografia antiga, como uma pequena estátua de Atenas/Minerva, com capacete, que segura uma lança e, às vezes, um escudo. Segundo o mito, Atenas criou a estátua após matar acidentalmente sua irmã de criação, Palas, inscrevendo o nome dela na estátua.

Quando os gregos capturaram o vidente troiano Heleno, souberam que Troia não poderia cair enquanto o Paládio permanecesse. Ulisses e Diomedes se infiltraram na cidade, sendo que Ulisses entrou disfarçado de mendigo, soube com Helena a localização do Paládio e roubou a estátua. Só então o Cavalo de Troia pôde ter sucesso. O Paládio simbolizava, portanto, a proteção divina e seu roubo sublinhava a dependência da astúcia (*mētis*) em vez da força bruta (WEST, 2013, p. 77-80).

Esse padrão mítico é instrutivo para a compreensão do escárnio dos jebuseus. Os jebuseus, acreditando que a invencibilidade de sua cidade estava ancorada em imagens divinas (análogas ao Paládio), afirmavam que até os enfermos poderiam defendê-la porque o próprio ídolo garantia a vitória. Uma vez provada a impotência do ídolo, a cidade caiu diante das táticas mais furtivas de Davi através do canal de água.

Segundo Flávio Josefo (*Antiguidades judaicas* 7.3.1),

Οἱ δὲ Ἰερουσαῖοι τὴν Ἱερουσαλήμ κατοικοῦντες, ὄντες δὲ Χαναανίων γένους, ἀπέκλεισαν αὐτῷ τὰς πύλας, καὶ τοὺς πεπηρωμένους τὰς ὄψεις καὶ τὰς βάσεις καὶ πᾶν τὸ λελωβημένον στήσαντες ἐπὶ τοῦ τείχους ἐν ὕβρει τοῦ βασιλέως ἔλεγον κωλύσειν αὐτὸν εἰσελθεῖν τούτοις, πεποιθότες τῇ τῶν χωρίων ὀχυρότητι.

Os jebuseus, que habitavam Jerusalém e eram da linhagem dos cananeus, fecharam os portões e colocaram os cegos, os coxos e todos os seus aleijados sobre o muro, em zombaria do rei, e disseram que os próprios aleijados impediriam sua entrada na cidade. Isso eles fizeram confiando na força de seus muros.

Assim, de acordo com Josefo e a tradição rabínica posterior, a proibição de Davi — “os cegos e coxos não entrarão neste palácio” — tem origem em seu momento de vitória. No entanto, não se trata primariamente de uma ética de exclusão de pessoas com deficiência, mas de uma fórmula de vitória: como veremos, Davi se recusa a permitir que os símbolos de proteção dos jebuseus, seus deuses pusilânimes, entrem em seu santuário.

A confiança que depositaram em seus ídolos enganou os jebuseus. Eles então decidiram nunca mais confiar a segurança da fortaleza a tais Paládios. Daí em diante, “os cegos e coxos não entrarão na casa” funciona como uma rejeição de ídolos impotentes, não de pessoas com deficiência.

3. Estrutura Intertextual: 2 Samuel, 1 Crônicas e o Salmo 115

Segundo 1 Crônicas 11:4–5, “Davi e todos os israelitas marcharam para Jerusalém (isto é, Jebus). Os jebuseus que ali viviam disseram a Davi: ‘Você não entrará aqui’. No entanto, Davi conquistou a fortaleza de Sião — que é a Cidade de Davi”.

Notavelmente, 1 Crônicas omite o detalhe sobre os “cegos e coxos”. Essa escolha editorial pode refletir uma tendência do cronista de minimizar elementos supersticiosos ou idolátricos, concentrando-se na fidelidade e legitimidade de Davi.

Em 2 Samuel, a fonte do cronista preserva o escárnio idiomático dos jebuseus e a subsequente fórmula de vitória. A ausência em Crônicas demonstra que a natureza idiomática da frase era reconhecível e, por vezes, dispensável.

O Salmo 115 é um poema anônimo sobre o qual muita especulação já foi feita. De acordo com Gill (1746, p. 1328),

A autoria é atribuída a diversas pessoas: por alguns, a Moisés e aos israelitas, quando faraó os perseguiu; por outros, aos três companheiros de Daniel, quando os lançaram na fogueira ardente; por outros, a Mardoqueu e Ester, quando Hamã afligia os judeus; por outros, aos heróis dos tempos de Antíoco e dos Macabeus — como defende Teodoreto; por alguns, a Josafá, quando um numeroso exército marchou contra ele; e por outros, a Davi — o que é mais provável, embora não seja fácil determinar a ocasião exata. Alguns supõem que tenha sido escrito por ele quando os jebuseus o insultaram (2 Sm 5:6). [...] o propósito é encorajar a

confiança e a crença no Senhor, incentivar os santos a Lhe tributar a glória por todas as Suas misericórdias e demonstrar a vaidade dos ídolos.

Embora os paralelos sejam, em sua maioria, temáticos e formulaicos, e não uma longa sequência de citações verbais exatas, o Salmo 115:4–9 pode fornecer uma chave teológica para interpretar o escárnio dos jebuseus. O Salmo 115 contrasta ídolos sem vida com o Deus vivo, enquanto 2 Samuel 5 retrata o reinado de Davi como vivo, ativo e divinamente dirigido. Um paralelo explícito que ocorre entre os dois textos é a presença de entidades que não veem, não andam ou andam com dificuldade. Os ídolos são cegos, coxos, surdos, mudos — física e espiritualmente impotentes. Os seres humanos que confiam em ídolos tornam-se como eles: impotentes.

Mas os ídolos deles são prata e ouro, obra das mãos humanas. Têm boca, mas não falam; olhos, mas não veem. Têm ouvidos, mas não ouvem; nariz, mas não cheiram. Têm mãos, mas não apalpm; pés, mas não andam; nem emitem som com a garganta. Tornem-se como eles aqueles que os fazem, e todos os que neles confiam. Israel, confie no Senhor! Ele é o seu socorro e o seu escudo.

Os jebuseus, que confiavam em imagens que eram semelhantes ao Paládio, acreditavam enganosamente que a fortaleza estava segura contra os homens de Davi, mas, como declara Números 23:23: “Não há encantamento contra Jacó, nem adivinhação contra Israel”. Os jebuseus, enganados pela confiança que depositaram em ídolos impotentes, foram derrotados apesar de seu escárnio confiante.

4. A Reversão Ética em Lucas 14

O mandamento de Jesus inverte a lógica de exclusão supostamente presente em 2 Samuel. Os cegos, coxos, aleijados e pobres — anteriormente excluídos do palácio de Davi — recebem agora o convite para o banquete escatológico: “Mas, quando você der um banquete, convide os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos. Então você será abençoado, pois eles não têm como retribuir, e a sua recompensa virá na ressurreição dos justos” (Lucas 14:13–14).

Essa reversão está fundamentada não na vitória militar, mas na teologia da ressurreição: a bem-aventurança não vem da retribuição imediata, mas da recompensa divina. Lucas 14 opera em

um campo semântico diferente: hospitalidade e escatologia, não defesa militar e triunfo. As mesmas dificuldades corporais que simbolizavam ídolos impotentes em 2 Samuel agora exemplificam os marginalizados que Deus abençoa precisamente porque não podem retribuir. Jesus redefine os “cegos e coxos” de símbolos da defesa inimiga para receptores do favor divino.

Os textos não são contraditórios, mas complementares, pois tratam de domínios distintos: 2 Samuel 5:8 proíbe a entrada dos ídolos jebuseus, simbolizados como “cegos e coxos” no contexto de uma vitória militar, rejeita símbolos impotentes e confirma que ídolos não podem salvar. Lucas 14:13–14 ordena a inclusão de pessoas marginalizadas, inclusive cegos e coxos, no contexto de banquete escatológico, acolhe as pessoas vulneráveis, isto é, as pessoas que não conseguiam sequer retribuir os benefícios que receberiam.

A proibição em 2 Samuel visa a confiança idolátrica, não os seres humanos com deficiência. Lucas 14 trata, por sua vez, de seres humanos que Deus criou à Sua imagem e os convida a receber a graça divina.

6. Aplicação Prática: Em Que “Coxos e Cegos” Você Confia Hoje?

A disputa antiga encontra ressonância nas lutas espirituais modernas. A questão para os crentes é: em que coisas coxas e cegas você confia? No dinheiro e no poder?

O dinheiro por si só não se move nem vai a lugar algum sem força externa. É inerte, pois necessita que alguém lhe dê movimento por meio de gastos, investimentos ou transferências. O dinheiro carece de autonomia, pois pode ser facilmente aleijado ou incapacitado por inflação, colapso econômico ou mudanças na política governamental. Seu valor não é inerente, mas depende de sistemas externos que podem ser instáveis. O dinheiro nem sempre funciona como pretendido. Frequentemente não sabemos usá-lo e, como resultado, compramos nossa própria infelicidade, tornando-o “coxo” em seu propósito. O dinheiro é, de fato, uma coisa coxa.

De igual modo, o poder tampouco é confiável, pois é cego para as necessidades alheias. Quem está no poder pode se tornar tão focado em manter ou aumentar seu poder que deixa de reconhecer as lutas ou perspectivas dos menos poderosos. O poder é cego também para suas próprias limitações, pois cria a ilusão de invencibilidade e infalibilidade. É cego, além disso, para perspectivas alternativas, pois cria câmaras de eco que apenas reforçam as visões existentes. Finalmente, o poder é cego para as consequências de longo prazo, pois prioriza ganhos imediatos e não considera danos duradouros. O poder é, de fato, uma coisa cega.

Considerações finais

Moore (2006) escreve: “Nossas terras prometidas são caracterizadas pela presença da vitória, não pela ausência da oposição”. Ela afirma ainda que a oposição é inevitável; a vitória deve ser nosso foco; nossas lutas nos tornam mais fortes; chegar à “terra prometida” é um processo.

A conquista de uma “terra prometida” é uma metáfora para uma realização, sucesso ou conquista espiritual que desejamos alcançar. Não se trata de uma facilidade sem obstáculos, mas de superar desafios e alcançar a vitória apesar da oposição.

Não se preocupe com os jebuseus. Aprenda a conviver com a oposição! Eles amaldiçoarão, zombarão, criticarão, farão oposição, atrapalharão — mas lembre-se de Números 23:23: “Não há encantamento contra Jacó, nem adivinhação contra Israel”.

Não permita que os cegos e coxos encontrem um lugar privilegiado no palácio do seu coração. Até os jebuseus dizem isso. Aprenda a confiar em Deus e em Sua palavra. Segundo Green (2018), as pessoas são esvaziadas por dentro. Tentam encher-se de bebida, dinheiro, sexo, fama ou qualquer coisa que adoram, e isso as apodrece por dentro até que nada reste senão a coisa que pensavam que as salvaria. As pessoas pensam que estão exercendo poder, mas na verdade o poder as está exercendo. Portanto, lembre-se: “onde estiver o seu tesouro (dinheiro ou poder), aí também estará o seu coração” (Mateus 6:21)

Não tema os jebuseus. Não tema aqueles que se opõem à vontade de Deus para sua vida. Porém, tampouco confie nos coxos e cegos. Não deposite confiança no dinheiro e no poder. Confie no Senhor — Ele é o seu socorro e o seu escudo (Salmo 115:9).

Referências

APOLODORO. **Bibliotheca**. Trad. J. G. Frazer. Cambridge: HUP, 1921. Loeb Classical Library, v. 121–122.

GILL, John. **An Exposition of the Old Testament**. S.l.: Gale, 1746.

GREEN, John. **Tartarugas até lá embaixo**. Trad.: Petê Rissatti. São Paulo: Intrínseca, 2018.

JOSEFO, Flávio. **Jewish antiquities**: books VII-VIII. Trad.: Ralph Marcus. Cambridge: HUP, 1934. Loeb Classical Library, v. 351.

TORRES, M. L. Cegos e Coxos: Uma Exegese Comparativa de 2 Samuel 5 e Lucas 14. **Práxis Teológica (Ahead Of Print)**, volume 22, número 1, e-2450, 2026.

MOORE, Beth. **Crendo em Deus**. Trad.: Cárita Rodrigues. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

WEST, Martin L. (Ed. e Trad.). **The epic cycle**: a commentary on the fragments. Oxford: OUP, 2013.

.